O sentido da vida, da liberdade e do ser

A nosso convite, a atriz Clarice Niskier, que celebra os dez anos em cartaz com o espetáculo teatral ‘A alma imoral’, analisa com sensibilidade o fazer da peça que espelha sua existência *A alma imoral*, primeiro de tudo, é um belo título. Lembro quando meu pai me presenteou na adolescência com um livro de Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*. Eu nem precisava ler o livro; com esse título, era só abraçá-lo e pronto. *Mulheres que correm com os lobos*, de Clarissa Pinkola Estés, foi outro título que, antes de tudo, me abriu por dentro. Assim como uma canção, em que letra e melodia parecem ter sido feitas uma para a outra, certos títulos acertam na mosca em determinados livros, são iscas para nossa intuição e imaginação. *A alma imoral* desperta paradoxos. E de dimensões paradoxais são constituídos tanto o conceito de moralidade quanto o de imoralidade. Tanto a alma imoral quanto o corpo moral são impulsos que se movimentam em um só corpo, o humano, que vem se aperfeiçoando há milênios por meio de obediências e desobediências. Tradição e traição, eixo central de nossas vidas. Há dez anos em cartaz, a peça *A alma imoral*, adaptação que fiz para o teatro do extraordinário livro homônimo do rabino Nilton Bonder, vem me aperfeiçoando, me revelando conhecimento, me expondo, me confrontando, me exigindo, me nutrindo e me abençoando. É um privilégio poder vivenciar todos os dias um conteúdo tão vital, precioso mesmo para a vida.  
  
Brinco com as pessoas que vão ao teatro pela terceira ou quarta vez: “Não se constranjam, eu também preciso escutar o texto muitas vezes, tanto é que faço a peça”. Para mim, a alma, na sua dimensão transgressora, dá sentido à vida. À vida, que é uma luta entre forças conscientes, inconscientes. Luta sangrenta, furiosa, velada, revelada, exposta, oculta. Mesmo derrotada em muitas batalhas, a alma preserva a profunda alegria de viver. Mesmo quando não sei como legitimar suas demandas, espero ansiosa pelo momento de atravessar os mares dos sonhos mais luminosos ou sombrios ou inúteis, mas que me levarão um dia a lugares nunca antes navegados. Foi assim que cheguei ao texto. Se houve muitos acasos para que esse encontro acontecesse, por acaso eu estava preparada para me deparar com ele. A alma está sempre desperta, pois ela sabe que a vida é *non stop*. Pura consciência em movimento. Não há ponto de parada. Para a alma imoral, não há conforto algum fora do fluxo contínuo da vida. O corpo moral adora um sofá, uma verdade imutável, mas o luxo da alma é o fluxo. Nada a prende em parte alguma, nem ao próprio corpo. Um dia, ela partirá da casa que a acolhe com tanto amor e se despedirá, deixando-me inerte na terra. Ou partirei com ela, deixando este corpo nu e sem ar.  
  
O que sei eu? Eu? O Eu faz as pontes possíveis entre essas duas afirmações antagônicas que nos habitam e nos constituem e um dia, puf!, desaparecerão como bola de sabão. A atriz também nada mais é que uma narradora das tramas dramáticas, hilárias e trágicas que ocorrem dentro e fora dela. Tive a sorte de encontrar Amir Haddad, que me guiou entre as pedras. “Entre o truque e a alma, fique sempre com a alma, Clarice.” Teatro sem truques, técnica sem virtuosismo, estética com ética. Ceder em cena ao tempo da vida e surpreender-se. Amir e Nilton tem muito a ver. Nilton também diz que o mais difícil não é surpreender o outro, mas surpreender a si mesmo. O pilar do sucesso da peça tem muito a ver com a relação de confiança entre nós quatro: Amir, Nilton, eu e José Maria Braga, meu marido, compositor da trilha sonora e diretor de produção. A qualidade de confiança que uma pessoa pode depositar na outra é um tesouro sem fim.  
  
Confiança e potencial andam de mãos dadas. E o sucesso nunca é o que você imagina. Às vezes, é melhor, às vezes, não. Uma coisa é certa: a dramaturgia da vida é sempre mais fascinante (perigosa e trabalhosa) do que qualquer fantasia que você possa fazer na sua cabeça a respeito de qualquer acontecimento, seja ele profissional, amoroso ou político. “Essa é a peça da sua vida”, me disse após uma sessão a atriz Fernanda Montenegro, quando completávamos apenas seis meses de temporada.  
  
Quanta experiência e vivência nessa afirmação. Hoje posso dizer: “Fernanda, é a peça da minha vida, como você sabia?” “Todas nós, atrizes, temos a peça da nossa vida”, me disse naquele dia. Sim, mesmo que amanhã eu fique 20 anos em cartaz com outro espetáculo, *A alma* é inaugural. Foi um rompimento com um modo de pensar que não me fazia mais feliz. É a peça que assumi integralmente, a direção que decidi por mim, que produzi, que consolidou um casamento. Devo ao Zé Maria a longevidade da peça, pois ele consolidou uma forma de produção cujo poder central é nosso, do artista, e não dos intermediários da cultura. Ele consolidou uma equipe, que consolidou nossa liberdade. Toda liberdade em uma sociedade é relativa, é uma ilha cercada de perigos por todos os lados. Mas uma ilha-continente até ser tragada ou não pelos deslocamentos naturais e políticos.  
  
Durante os ensaios, eu pensava com meus botões: se tanto já errei e acertei obedecendo aos outros, por que não agora errar e acertar obedecendo a mim mesma? Esse é o sentido da alma, desobedecer a uma moral que já não preserva a vida e navegar. O que virá, virá. Ela mesma saberá seguir adiante. O corpo moral se leva muito a sério. Qual a imagem da alma? Ela não se apreende no espelho. Às vezes, o corpo moral fica parado, adorando a própria imagem. No livro *Segundas intenções*, Nilton Bonder escreve que a tenda da alma também pode ser formada por pessoas narcísicas e acomodadas, assim como na tenda do corpo moral pode habitar o mais nobre coração reflexivo, fundamental à cultura, ao progresso, ao desenvolvimento humano. Pura verdade. É a não-falsa-alma, vamos assim dizer com liberdade poética, que não se apega a nenhuma imagem, não se aprisiona no espelho. Eterna criança que brinca de Ser. Com ou sem compaixão, trai o corpo-imutável. Que eu faça valer essa experiência de por ela amar tanto a vida, o teatro, a família, os amigos, os sonhos, a carne e o espírito (e viva também meu corpo moral, claro, sem ele eu não estaria aqui). Que o Teatro nunca se torne um lugar estreito. Tenho uma lista de nomes para agradecer, mas não há espaço aqui. Saibam, todos estão tatuados no coração. Ah, viva a Dona Léa!  
  
Clarice Niskier tem um longo caminho no teatro, no cinema e na televisão. Mas é *A alma imoral* a peça que move sua vida